

#03 MAIO. JUN. JUL. AGO. 2025

ame

REVISTA

saúde & espiritualidade



Mednesp
São Paulo/SP 2025

SERVIR PARA

Curar-se

Edição
Especial

Editorial

ame
REVISTA
saúde & espiritualidade

Expediente

Revista AME – Saúde & Espiritualidade

Periodicidade

Quadrimestral

Publicação eletrônica da

Associação Médico-Espírita do Brasil
(AME-Brasil)

Telefone: (11) 2574.8696

Home-Page: www.amebrasil.org.br

Email: amebrasil@amebrasil.com

Editores responsáveis

Antônia Marilene da Silva

Carlos Eduardo Accioly Durgante

Produção e arte final

Dimitrius Gutierrez | Jimmy Marte

Revisão de textos

Gaia Revisão Textual

Conselho editorial

Emanuel Burck dos Santos

Marcelo Saad

Marianna Costa

Prezado(a) leitor(a),

É com grande alegria que o Departamento Editorial da AME-Brasil retoma as edições online da revista *AME - Saúde & Espiritualidade*, agora sob a coordenação da dra. Antônia Marilene da Silva. Desde sua primeira publicação, em 2009, a revista mantém-se em circulação ininterrupta, dedicando-se à difusão e ao aprofundamento do conhecimento médico-espírita.

Nesta edição, prestamos uma justa homenagem ao 17º Congresso Médico-Espírita (Mednesp), que ocorrerá em São Paulo nos dias 19, 20 e 21 de junho de 2025 – cuja edição inaugural ocorreu em 1991, no Auditório Elis Regina, no Palácio das Convenções do Anhembi, em São Paulo. Após percorrer diversas capitais brasileiras ao longo de sua trajetória, o evento retorna à cidade onde tudo começou, em comemoração aos 30 anos da fundação da AME-Brasil. A celebração rememora também a figura da inesquecível dra. Marlene Rossi Severino Nobre, carinhosamente chamada por muitos de nós de “a doutora”, referência maior e fundadora da AME-Brasil.

Este número reúne artigos que dialogam com o tema central do Mednesp 2025: *Servir para curar-se*.

Boa leitura!

Carlos Eduardo Accioly Durgante

Diretor do Departamento Editorial da AME-Brasil

Sumário

- 04** **Servir para curar-se:
a ciência do amor em movimento**
Marcus Renato Castro Ribeiro
- 07** **A preservação da vida**
Márcia Regina de Azevedo Caldas Léon
- 10** **A vida com a Doença de Alzheimer**
Carlos Eduardo Accioly Durgante
- 12** **Genética, epigenética
e espiritualidade**
Carlos Roberto de Souza Oliveira
- 14** **Proposta de tratamento
homeopático nas obsessões**
Fernando Lopes Figueiredo
- 18** **A pele como instrumento
da cura da alma**
Jane M. Modena Bassi
- 26** **O sono infantil e sua conexão
com o mundo espiritual**
José Fernando Souza
- 30** **Bioética espírita**
José Roberto Pereira Santos
- 38** **Magnetismo, Espiritismo e
homeopatia: qual a conexão?**
Márcia Regina Colasante Salgado
- 44** **Estudo sobre a prática mediúnica
durante a gravidez**
Paulo Batistuta Novaes



Marcus Renato Castro Ribeiro

Médico psiquiatria da Infância e Adolescência; supervisor do Programa de Psiquiatria da Infância e Adolescência da UNIFESP; psiquiatra do Serviço de Psiquiatria do HSPE-SP; presidente da AMESP e do Mednesp 2025.

Servir para curar-se: a ciência do amor em movimento

A história do Mednesp, iniciada em 1991, representa mais do que um evento científico: é um chamado coletivo à integração entre ciência, espiritualidade e amor ao próximo. Idealizado pela Dra. Marlene Nobre, visionária da medicina da alma, o congresso bianual tornou-se referência mundial na discussão de espiritualidade na saúde. Em 2025, ao completar 30 anos, a Associação Médico-Espírita do Brasil (AME-Brasil) celebra sua trajetória com o tema “Servir para curar-se”, reafirmando seu compromisso com um cuidado integral e profundamente humano.

Esse tema, mais do que simbólico, encontra ressonância nas mais recentes descobertas das neurociências. Estudos em

neuroimagem funcional demonstram que o ato de ajudar o outro ativa regiões cerebrais associadas ao sistema de recompensa, como o estriado ventral e o córtex orbito-frontal medial, promovendo sensações de bem-estar semelhantes às experimentadas ao receber recompensas materiais.

Conforme demonstrado por Moll *et al.* (2006, p. 15.625), “As regiões do sistema mesolímbico de recompensa são ativadas tanto por recompensas monetárias quanto por doações, indicando que o altruísmo ativa os mesmos circuitos de prazer e expectativa do ganho material. Esse “brilho quente” do altruísmo, o chamado *warm glow*, é um fenômeno concreto, com substrato neurológico mensurável.

A AME-Brasil, com suas mais de 70 associações espalhadas pelo país, tem aplicado esse princípio em sua prática. Projetos como capelania hospitalar, grupos de prevenção ao suicídio, atendimentos a dependentes e ações em comunidades vulneráveis são expressões vivas do servir que cura. Ao realizar esses trabalhos, não apenas promove-se a saúde dos atendidos, mas também a transformação íntima dos que servem.

Esse ciclo virtuoso foi evidenciado por Aknin *et al.* (2012), que descreveram um feedback positivo entre generosidade e felicidade. Participantes que recordavam um ato de doação relataram níveis mais altos de bem-estar e, em seguida, foram mais propensos a repetir ações generosas. Assim, o servir não é apenas um gesto de compaixão, é também uma via de fortalecimento emocional e psicológico (Aknin *et al.*, 2012).

SERVIR PARA *Curar-se*



Mednesp
São Paulo / SP 2025

Com base nesse olhar, o Mednesp 2025 propõe mais do que reflexões teóricas. Serão abordados temas como espiritualidade no luto, inclusão, saúde mental, gratidão e perdão. Entre os destaques está o Seminário Literomusical “Servir para curar-se”, que traduz em arte a essência do congresso.

O legado da Dra. Marlene Nobre permanece pulsante. Sua luta pela união entre fé e razão abriu caminhos antes inexplorados na medicina. E como mostram os estudos sobre a sensibilidade moral, nossas emoções vinculadas ao bem coletivo – como compaixão, gratidão e justiça – são processadas por circuitos cerebrais específicos, como o córtex orbitofrontal e o sulco temporal superior (Moll *et al.*, 2002).

Nos encontros e reencontros promovidos pela AME, especialmente no Mednesp, forma-se uma verdadeira família espiritual. Em meu primeiro congresso, em 2011, encontrei não apenas conhecimento, mas pertencimento. A acolhida que recebi naquela ocasião plantou sementes que florescem até hoje em minha trajetória profissional e pessoal. A preparação do Mednesp 2025 tem sido marcada por colaboração entre diversas instituições espíritas e organizações sociais, fortalecendo o espírito de fraternidade. Essa união é, em si, a aplicação prática do tema central: quando nos colocamos a serviço do bem coletivo, somos também curados em nossas fragilidades, incertezas e dores.

Mais do que um evento, o Mednesp é um convite à transformação. Que este seja um marco para que todos nós, profissionais e cidadãos, possamos viver o ideal de “Servir para Curar-se” como filosofia cotidiana. Porque amar, cuidar e doar-se são os mais potentes medicamentos da alma.

Referências

AKNIN, Lara B.; DUNN, Elizabeth W.; NORTON, Michael I. Happiness runs in a circular motion: evidence for a positive feedback loop between prosocial spending and happiness. **Journal of Happiness Studies**, v. 13, n. 2, p. 347-355, 2012. Doi: <https://doi.org/10.1007/s10902-011-9267-5>.

MOLL, Jorge; KRUEG, Frank; ZAHN, Roland *et al.* Human fronto-mesolimbic networks guide decisions about charitable donation. **PNAS**, v. 103, n. 42, p. 15.623-15.628, 2006. Doi: <https://doi.org/10.1073/pnas.0604475103>.

MOLL, Jorge; OLIVEIRA-SOUZA, Ricardo de; ESLINGER, Paul J. *et al.* The neural correlates of moral sensitivity: a functional magnetic resonance imaging investigation of basic and moral emotions. **Journal of Neuroscience**, v. 22, n. 7, p. 2.730-2.736, 2002. Doi: <https://doi.org/10.1523/JNEUROSCI.22-07-02730.2002>.

MOLL, Jorge; ZAHN, Roland; OLIVEIRA-SOUZA, Ricardo de *et al.* The neural basis of human moral cognition. **Nature Reviews Neuroscience**, v. 6, n. 10, p. 799-809, 2005. Doi: <https://doi.org/10.1038/nrn1768>.



Márcia Regina de Azevedo Caldas León.

Médica pediatra; vice-presidente da AME-Planalto; coordenadora do Departamento de Família da AME-Brasil; coordenadora adjunta dos estudos de André Luiz e de *O livro dos médiuns* da FEB.

A preservação da vida

A “A vida é um bem indisponível e outorgada por Deus!” A Dra. Marlene Nobre sempre teve o hábito de trazer essa frase impactante quando havia a possibilidade de discorrer sobre a valorização da vida, fosse em congressos, palestras, entrevistas ou em seus artigos. Uma frase de efeito e profundo impacto moral, que nos lembrava – e ainda hoje nos lembra – da dignidade do Espírito como persona individualizada em seu processo reencarnatório.

Allan Kardec (2019, parte segunda, cap. VII), em *O livro dos Espíritos*, no capítulo que trata do retorno à vida corporal, pergunta aos Espíritos da Codificação, na questão 344: “Em que momento a alma se une ao corpo?” A resposta não poderia ser mais clara: “A união começa na concepção, mas só é completa por ocasião do nascimento. Desde o instante da concepção, o Espírito designado para habitar certo corpo a este se liga por um laço fluídico, que cada vez

mais se vai apertando até o instante em que a criança vê a luz”.

Tal resposta nos abre um horizonte muito claro sobre a necessidade de refletir e compreender o que é a vida – não apenas sob o prisma filosófico, mas também nos campos científico e religioso –, pois nos leva a considerar amplamente as dimensões física, psíquica, social, moral e espiritual do ser encarnado.

Ainda hoje, enfrentamos a dificuldade de definir o que é vida, sem nos restringirmos à caracterização do processo de viver – desde a soma das capacidades ou qualidades que permitem ao ser vivo resistir à morte, até um complexo de reações fisiológicas celulares que mantêm o organismo em funcionamento. Essa dificuldade conceitual revela o quanto o reducionismo científico ainda se limita ao aspecto material da existência.



Ao longo da história, diversos expoentes do pensamento e da biologia tentaram trazer à tona uma discussão acadêmica e filosófica mais profunda sobre o conceito de vida e sua interpretação. Nomes como Friedrich Nietzsche, Arthur Schopenhauer, Baruch Spinoza, Ernest Mayr e Claus Emmeche se destacaram nesse intento. Contudo, foi na Doutrina dos Espíritos, codificada por Allan Kardec, que encontramos a real dimensão da nossa responsabilidade – não apenas quanto à compreensão da vida, mas também quanto à sua valorização e preservação.

André Luiz (1987), no livro *Missionários da luz*, no capítulo que trata da reencarnação de Segismundo, nos apresenta, por meio dos ensinamentos do Instrutor Alexandre, uma análise minuciosa sobre o início da vida. Ele afirma que a vida tem início na fecundação, quando o Espírito se liga ao corpo físico, durante o pareamento genético dos gametas masculino e feminino. O professor Keith Moore (1984), em sua *Embriologia clínica*, também afirma que a vida começa na fecundação, sugerindo que o crescimento do indivíduo ocorre a partir desse momento.

A partir da conjugação dessas informações e orientações, firmamos em nosso pensamento a complexidade do entendimento da vida quando restrito a uma visão reducionista, contrastando com a amplitude singular e transcendente que alcançamos ao observar o viver sob uma perspectiva espiritual.

Portanto, ao falarmos da preservação da vida, temos a plena convicção de que ela é um bem indisponível, outorgado por Deus, que obedece a um *continuum* existencial, utilizando o corpo físico como instrumento para uma experiência única no processo reencarnatório. A vida possui uma dignidade própria, que a distingue de outros seres vivos e, inclusive, de seus semelhantes.

Essa compreensão dialoga com o Direito Constitucional e sua ordenação jurídica, que incorpora os princípios da Declaração Universal dos Direitos Humanos, adotada e proclamada pela Assembleia Geral das Nações Unidas em 1948. Em seu preâmbulo, destaca-se o reconhecimento da dignidade inerente a todos os membros da família humana e de seus direitos iguais e inalienáveis, como fundamentos da



liberdade, da justiça e da paz no mundo (O Direito [...], 2016).

Quando pensamos na preservação da vida, pensamos também na bioética do Espírito, na persona reencarnada, comprometida em cumprir o que foi programado antes de seu ingresso na vida corpórea. Seu progresso ético-moral deve se harmonizar com as Leis Morais da existência, por meio da Lei de Amor, Justiça e Caridade (Kardec, 2019) – mesmo que esse progresso se manifeste por meio de provas e expiações, fontes inalienáveis de aprendizado oferecidas pelo *continuum* da vida.

Assim, ao tratarmos da preservação e valorização da vida, estamos contemplando atentamente a jornada do Espírito encarnado, independentemente de sua aparência física, etnia, cor ou idade – desde a concepção até o desenlace de sua indumentária carnal e o retorno à vida espiritual. Esse olhar adquire um sentido especial quando guiado pela bioética personalista espírita (Bogatzy, 2022).

É nosso dever, enquanto cristãos, espíritas e profissionais da saúde, divulgar que toda vida importa; que toda vida merece respeito e defesa; que toda vida possui o

direito de ser preservada, em qualquer instância. É dentro dos princípios éticos e morais que temos a possibilidade de valorizar a vida, este bem indisponível, sagrado e outorgado por DEUS.

Referências

BOGATZY, Angelica. Ética, moral e bioética. In: SANTOS, José Roberto Pereira. **Bioética espírita**. São Paulo: AME-Brasil, 2022.

KARDEC, Allan. **O livro dos Espíritos**. Tradução de Guillon Ribeiro. 93. ed. Brasília, DF: FEB, 2019. Disponível em: <https://www.febnet.org.br/wp-content/uploads/2012/07/WEB-Livro-dos-Esp%C3%ADritos-Guillon-1.pdf>. Acesso em: 10 jun. 2025.

LUIZ, André (Espírito). **Missionários da luz**. Psicografado por Francisco Cândido Xavier. Brasília, DF: FEB, 1987. (Coleção A Vida no Mundo Espiritual, 3).

MOORE, Keith. **Embriologia clínica**. 3. ed. Rio de Janeiro: Interamericana, 1984.

O DIREITO à vida e sua indisponibilidade. 2016. Disponível em: <https://www.jusbrasil.com.br/artigos/o-direito-a-vida-e-sua-indisponibilidade/346959560>. Acesso em: 10 jun. 2025.



Carlos Eduardo Accioly Durgante

Médico geriatra. Professor do curso de pós-graduação em Saúde e Espiritualidade da UCS; vice-presidente da AMERGS.

A vida com a Doença de Alzheimer

A Doença de Alzheimer é uma desordem neurodegenerativa progressiva que ocasiona diferentes graus de comprometimento da memória e de outras funções cognitivas (como a linguagem, a atenção, o julgamento, a orientação no tempo e no espaço), além das funções executivas (planejamento, antecipação, abstração) e de alterações comportamentais. O Ministério da Saúde do Brasil divulgou, em 2024, que a Doença de Alzheimer afeta cerca de 8,5% da população com 60 anos ou mais, representando um número aproximado de 2,71 milhões de casos. Até 2050, a projeção é de que 5,6 milhões de pessoas sejam diagnosticadas no país (Alzheimer [...], 2025).

Estudos recentes apontam que os casos de demência tendem a aumentar drasticamente em todo o mundo. Uma análise realizada com 15.000 adultos de meia-idade nos Estados Unidos, publicada na revista *Nature Medicine* em janeiro de 2025, revelou que, entre os participantes do estudo, o risco vitalício de desenvolver demência após os 55 anos era de 42% (Fang *et al.*, 2025). Em outras palavras, estima-se que 42% dos americanos com mais de 55 anos acabarão desenvolvendo demência.

Os pesquisadores alertam que o número de adultos nos Estados Unidos que desenvolverão demência anualmente deve dobrar nas próximas quatro décadas.



Os dados são alarmantes e reforçam a crescente preocupação da saúde pública de que, com o aumento da longevidade e a maior proporção de pessoas idosas na população, os casos tendem a crescer expressivamente, gerando desafios consideráveis à saúde e à assistência social (Fang *et al.*, 2025).

Retomo esse tema após a publicação do livro *Doença de Alzheimer: um olhar biopsicossocial e espiritual* (Durgante, 2024) para aprofundar questões relativas às relações humanas que nos diferenciam das máquinas ou dos inúmeros algoritmos do universo digital, os quais, ao contrário dos seres humanos, não sentem, não percebem, não intuem e tampouco desenvolvem suas faculdades mediúnicas. Precisamos refletir sobre nossas atitudes diante de uma enfermidade longa, progressiva e carregada de significados emocionais, seja na posição de enfermo, seja como familiar ou profissional da saúde.

Nessa obra, abordo as consequências iniciais do diagnóstico da Doença de Alzheimer na vida pessoal do paciente e de seus familiares, o papel essencial do profissional médico no amparo e na assistência

humanizada, bem como sua postura diante das demandas crescentes da tecnologia. Trato também de questões comuns ao cotidiano de familiares e cuidadores, oferecendo orientações úteis e práticas para o melhor manejo das inúmeras situações aflitivas que surgem na travessia existencial daqueles que estão envolvidos nesse reencontro de almas. Por fim, proponho uma reflexão sobre o urgente e necessário olhar amoroso, que transcende o corpo enfermo e vislumbra as oportunidades que estão sendo oferecidas ao Espírito para sua cura real.

Referências

ALZHEIMER atinge 8,5% da população idosa. **Terra**, 7 fev. 2025. Disponível em: <https://www.terra.com.br/noticias/alzheimer-atinge-85-da-populacao-idosa,4e837650d063388be12ba865ea06a9964rk9v1hp.html>. Acesso em: 3 jun. 2025.

DURGANTE, Carlos Eduardo Accioly. **Doença de Alzheimer: um olhar biopsicossocial e espiritual**. Porto Alegre: Fergs Editora, 2024.

FANG, Michael; HU, Jiaqi; WEISS, Jordan *et al.* Lifetime risk and projected burden of dementia. **Nature Medicine**, v. 31, p. 772-776, 2025. Doi: <https://doi.org/10.1038/s41591-024-03340-9>.



Carlos Roberto de Souza Oliveira

Médico anesthesiologista, com pós-graduação em Acupuntura e Medicina do Trabalho. Fundador e presidente da AME-Campina Grande; membro da Comissão de Bioética da AME-Brasil.

Genética, epigenética e espiritualidade

Acreditamos que nossos antepassados tenham se perguntado sobre os mecanismos da hereditariedade assim que a evolução os dotou de cérebros e inteligência capazes de elaborar as perguntas corretas. Em 1953, o físico inglês Francis H. C. Crick e o geneticista americano James D. Watson publicaram, na revista científica *Nature*, a descoberta da estrutura tridimensional em dupla hélice da molécula de DNA. Esse feito revolucionou a visão biológica da vida, e os biólogos daquela época acreditaram ter descoberto a “molécula da vida”. O DNA passou a ser considerado a base molecular da genética, responsável pela transmissão das informações biológicas aos descendentes, contidas em uma estrutura chamada gene, cuja função é transmitir uma mensagem codificada com instruções para a formação de uma proteína ou determinação de uma característica.

Em 1990, o Projeto Genoma Humano foi iniciado com o objetivo de identificar e decodificar todos os genes do ser humano. Sua conclusão revelou números que surpreenderam a comunidade científica pela quantidade de genes ativos encontrados. Essas descobertas desmistificaram muitas das verdades que sustentaram a biologia por décadas. A surpresa maior foi constatar, ao final do projeto, a existência de apenas 23 a 25 mil genes (Murakami, 2008, p. 143). Descobriu-se também que somente 1,5% do nosso DNA é responsável pela codificação de proteínas e que apenas 5 a 10% dos nossos genes estão ativos, funcionando por meio do mecanismo liga-desliga. Outro mito que ruuiu foi a ideia de que o núcleo celular detinha o controle exclusivo sobre as funções celulares, cedendo espaço para estímulos originados de outras partes da célula.

Segundo o Dr. Kazuo Murakami (2008), em seu livro *O código divino da vida*, ainda não conseguimos estabelecer com clareza o que é determinado por fatores genéticos e o que decorre de outros estímulos. David Shenk (2011), no livro *O gênio em todos nós*, afirma que “os genes de cada pessoa interagem com o clima, a altitude, a cultura, a alimentação, a língua, os costumes, a espiritualidade, enfim, com tudo que a cerca, produzindo trajetórias de vidas únicas”.

A epigenética é o estudo das mudanças na expressão gênica determinadas por mecanismos que não envolvem alterações na sequência de bases do DNA. Ela investiga informações contidas no DNA que são transmitidas durante a divisão celular, mas que não fazem parte da sequência genética propriamente dita. As recentes descobertas da biologia molecular desafiam a visão da evolução centrada exclusivamente nos genes. Atualmente, sabe-se que é necessário um sofisticado e complexo mecanismo para manter a estrutura e a replicação do DNA. Como afirma a doutora Evelyn Fox Keller (2002), em *The Century of the Gene*, o gene não “escolhe” por si só quais serão ativados ou desativados. Ela declara que “[...] a responsabilidade por essa decisão encontra-se em outras paragens, na complexa dinâmica reguladora da célula como um todo”.

Analisando esse assunto pela ótica espiritual e considerando a trajetória evolutiva do Espírito como uma individualidade única, eterna e imortal – herdeira de si mesma e responsável pela edificação

do próprio futuro –, aprendemos com os ensinamentos do Espírito Emmanuel (1993, item 35), no livro *O consolador*, que “as leis da genética são presididas por agentes psíquicos e que as combinações gênicas dependem das conquistas, das provações e da posição evolutiva dos Espíritos encarnados, estabelecendo que a vocação ou faculdade é atributo da individualidade espiritual, e não dos genes”.

Podemos concluir com a afirmação do Dr. Bruce H. Lipton (2007, p. 32): “não somos vítimas de nossos genes, e sim donos de nosso próprio destino, capazes de criar uma vida cheia de paz, felicidade e amor”.

Referências

EMMANUEL (Espírito). **O consolador**. Psicografado por Francisco Cândido Xavier. Brasília, DF: FEB, 1993.

KELLER, Evelyn Fox. **The century of the gene**. 3. ed. Cambridge: Harvard University Press, 2002.

LIPTON, Bruce H. **A biologia da crença: ciência e espiritualidade na mesma sintonia – o poder da consciência sobre a matéria e os milagres**. São Paulo: Butterfly Editora, 2007.

MURAKAMI, Kazuo. **O código divino da vida: ative seus genes e descubra quem você quer ser**. São Paulo: Barany Editora: Antakarana/WHH – Willis Harmann House, 2008.

SHENK, David. **O gênio em todos nós: por que tudo que você ouviu falar sobre genética, talento e QI está errado**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar; 2011.

WATSON, James Dewey; CRICK, Francis. Molecular Structure of Nucleic Acids: A Structure for Deoxyribose Nucleic Acid. **Nature**, p. 737-738, 1953. Doi: <https://doi.org/10.1038/171737a0>.



Fernando Lopes Figueiredo

Médico homeopata; mestre em Ciências Aplicadas em Saúde; coordenador do Núcleo de Homeopatia da AME-Brasil.

Proposta de tratamento homeopático nas obsessões

Em março de 1863, na Sociedade Espírita de Paris, a médium Sra. Costel recebeu uma comunicação mediúnica assinada pelo Espírito Hahnemann. Na mensagem, o Espírito relata sua intenção de transmitir ensinamentos médicos aos espíritas, referindo-se à homeopatia como “a jovem medicina”. Assim como ocorre atualmente, a homeopatia também era alvo de críticas e oposição à época, conforme indicado no trecho em que Hahnemann se refere às alegações dos opositores: “Não irás mais longe!” Apesar disso, continuou a expandir-se e, segundo a mensagem, ainda avançará consideravelmente. Nessa comunicação, o Espírito Hahnemann afirmou que o Espiritismo seria um poderoso auxiliar da homeopatia (Hahnemann, 2019a).

Trata-se, portanto, de duas doutrinas – a homeopática e a espírita –, que se encontram no campo da saúde, abordando o tratamento do corpo e do Espírito. Torna-se necessário estudar ambas de maneira aprofundada, revisitando conceitos técnicos, resultados de pesquisa e aspectos da prática clínica. Com esse propósito, o Núcleo de Homeopatia da Associação Médico-Espírita do Brasil (AME-Brasil) organizou a obra *Homeopatia – medicina do Espírito*, que reúne produções e pesquisas contemporâneas, resgata a história da homeopatia e do Espiritismo e propõe reflexões sobre os caminhos futuros dessas áreas.

A obra explora um campo ainda pouco estudado pela medicina convencional: a filosofia do adoecimento humano. Um dos

conceitos centrais apresentados é o da dinâmica miasmática, segundo o qual o adoecimento se relaciona aos desvios morais do indivíduo – ideia proposta pela homeopatia antes mesmo de a Doutrina Espírita abordar a reencarnação.

O conceito de força vital, presente na primeira edição do *Organon da arte de curar*, publicada em 1810, precede a publicação de *O livro dos Espíritos* por quase cinco décadas. No parágrafo 9, Hahnemann (1995) descreve a força vital como uma energia que atua no equilíbrio do organismo vivo, distinta do Espírito, mas relacionada ao perispírito. Tal conceito dialoga com a noção de fluido vital apresentada por Kardec (2013a) na codificação espírita.

A farmacotécnica homeopática, considerada inovadora, é coerente com os princípios da Doutrina Espírita, uma vez que atua em níveis sutis do ser encarnado. Emmanuel (2010) explica que os princípios ativos liberados pelas sucussões, quando corretamente prescritos, atuam nos níveis mais essenciais do indivíduo, influenciando estruturas subatômicas e promovendo reequilíbrio energético.

O *Organon* também faz referência ao mesmerismo, prática hoje comum em terapias complementares espíritas, como a imposição de mãos. No parágrafo 288 da sexta edição, Hahnemann (1995) lamenta o descrédito atribuído ao mesmerismo, considerando-o um “dom maravilhoso e



inestimável de Deus à humanidade”. Tal prática, atualmente disseminada nas casas espíritas, é objeto de investigação e aplicação terapêutica em diferentes correntes religiosas e em diversos serviços de saúde (Saad, 2020).

No tocante à atuação sobre repercussões físicas de processos obsessivos, a obra *Homeopatia – medicina do Espírito* apresenta um capítulo específico sobre o tema. Na *Revista Espírita* de 1864, registra-se o caso de uma jovem acometida por obsessão grave, classificada como possessão. A mensagem psicográfica final, assinada por Hahnemann e transmitida pelo médium Sr. Albert, afirma que tais casos de obsessão e possessão persistirão por algum tempo, por contribuírem para o progresso da ciência e do Espiritismo. O Espírito enfatiza que há doenças cuja causa não está na matéria e, portanto, não devem ser tratadas exclusivamente por medicamentos de constituição material, uma vez que se encontram nos tecidos sutis do corpo (Hahnemann, 2019b).

Kardec (2013b), em *O Evangelho segundo o Espiritismo*, adverte que a obsessão prolongada pode desencadear desordens patológicas, exigindo tratamento médico ou magnético, de forma simultânea ou consecutiva. Essa visão reforça a relevância de uma abordagem integral da saúde, contemplando seus componentes físicos e perispirituais.

Em mensagem psicográfica de Francisco Menezes Dias da Cruz (2006), médico homeopata e ex-presidente da Federação Espírita Brasileira (FEB), publicada no

periódico *Reformador*, destacam-se alterações bioquímicas e manifestações clínicas relacionadas a obsessões espirituais, ainda pouco reconhecidas por profissionais da saúde e espíritas. As descrições das alterações neuroendócrinas apresentadas na mensagem encontram respaldo em estudos contemporâneos da psiconeuroendocrinologia, também abordados na obra.

Miranda (2015), em *Painéis da obsessão*, descreve que a mente, sob influência de ondas mentais obsessivas, perde o controle automático sobre as células, permitindo a proliferação de bactérias patológicas. Tal desequilíbrio pode resultar em doenças de etiopatogenias complexas, como cânceres, tuberculose e hanseníase.

Dessa forma, doenças originadas por desarmonias mentais demandam tratamentos que atuem de maneira mais sutil e profunda sobre os corpos energéticos. Conforme a proposta de Bonamin (2018), a ação do medicamento homeopático se dá em nível celular, por meio de campos eletromagnéticos, explicando sua eficácia, mesmo nas altas diluições em que não se encontram partículas do soluto. Outras teorias apontam a atuação do medicamento por nanopartículas, o que dialoga com os apontamentos de Emmanuel (2010).

Kardec (2013c), em *O livro dos médiuns*, define a obsessão como processo de características diversas e intensidade variável, com sintomas físicos frequentemente indefinidos, situando-se, muitas vezes, no âmbito mental, da volição e da psicomotricidade. A *Materia medica* homeopática inclui, entre

seus registros, o medicamento *Anacardium orientale*, indicado para casos de impulsos contraditórios, delírios e alucinações auditivas, sintomas que podem ser interpretados como manifestações espirituais (Lathoud, 2004). O medicamento se apresenta como remédio único para o sintoma: “Impulsos contraditórios, parece-lhe ter um demônio em um ombro e um anjo no outro, que lhe cochicham alternadamente suas boas e más ações. Ouve vozes que lhe dão ordens contraditórias”. Altamente sugestivo de influência espiritual sobre o paciente.

A terapêutica homeopática, ao atuar sobre as desarmonias em nível celular e mental, pode contribuir para a prevenção de adoecimentos mais profundos, oferecendo ao paciente a oportunidade de reflexão e reorientação de suas escolhas de vida.

Em síntese, a obra *Homeopatia – medicina do Espírito* constitui uma contribuição relevante para médicos interessados na interface entre homeopatia e espiritualidade, bem como para pacientes que buscam abordagens terapêuticas integrativas. O livro revisita fundamentos clássicos da homeopatia e do Espiritismo, apresenta evidências científicas atuais e propõe novas perspectivas para o entendimento do adoecimento humano. A obra destaca, ainda, a importância de racionalidades médicas com base vitalista e do reconhecimento da força vital na gênese das doenças, sinalizando que a homeopatia continua oferecendo valiosas contribuições para a medicina contemporânea e do futuro.

Referências

BONAMIN, Leoni Villano. **Discovering How Homeopathy Works**. São Bernardo do Campo, SP: Independently Published, 2018.

CRUZ, Francisco M. Dias da (Espírito). Obsessão. Psicografado por Marta Antunes Moura. **Reformador**, ano 124, n. 2.133, dez. 2006, p. 40.

EMMANUEL (Espírito). **Emmanuel responde**. Psicografado por Francisco Cândido Xavier e Wagner Gomes da Paixão. Belo Horizonte: Editora UEM, 2010.

HAHNEMANN, Samuel. Medicina homeopática. In: KARDEC, Allan (dir.). **Revista Espírita – Jornal de Estudos Psicológicos**. Ano VI, ago. 1863, n. 8. Tradução de Evandro Noleto Bezerra. 4. ed. Brasília, DF: FEB, 2019b. p. 340-341. Disponível em: <https://www.febnet.org.br/wp-content/uploads/2012/06/WEB-Revista-Espirita-1863.pdf>. Acesso em: 10 jun. 2025.

HAHNEMANN, Samuel. **Organon da arte de curar**. Tradução de Edméa Marturano Villela e Izao Carneiro Soares. Ribeirão Preto, SP: Museu de Homeopatia Abrahão Brickmann, 1995.

KARDEC, Allan. Dissertações espíritas. Um caso de possessão – Senhorita Julie. In: KARDEC, Allan. **Revista Espírita – Jornal de Estudos Psicológicos**. Ano VII, jan. 1864, n. 1. Tradução de Evandro Noleto Bezerra. 4. ed. Brasília, DF: FEB, 2019a. p. 27-33. Disponível em: <https://www.febnet.org.br/ba/file/Download/livros/revistaespirita/Revista1864.pdf>. Acesso em: 10 jun. 2025.

KARDEC, Allan. **O Evangelho segundo o Espiritismo**. 2. ed. Brasília, DF: FEB, 2013b.

KARDEC, Allan. **O livro dos Espíritos**. 93. ed. Brasília, DF: FEB, 2013a.

KARDEC, Allan. **O livro dos médiuns**. 2. ed. Brasília, DF: FEB, 2013c.

LATHOUD, Joseph-Amédée. **Estudos de matéria médica homeopática**. 3. ed. São Paulo: Organon, 2004.

MIRANDA, Manoel Philomeno de (Espírito). **Painéis da obsessão**. Psicografado por Divaldo Franco. Brasília, DF: FEB, 2015.

SAAD, Marcelo. **Terapias espirituais: rumo à integração ao tratamento convencional**. São Paulo: AME-Brasil Editora, 2020.



Jane M. Modena Bassi

Médica dermatologista; espírita e consteladora familiar sistêmica.

A pele como instrumento da cura da alma

A pele é o maior órgão do corpo humano, correspondendo a cerca de 15 a 20% do peso corporal. Atua como um vasto invólucro que nos reveste por completo. Há aproximadamente cinco décadas, a ciência passou a reconhecê-la também como o principal órgão do sistema psiconeuroendócrinoimunológico.

O desenvolvimento da pele inicia por volta do 19º dia de gestação, ou seja, desde os estágios iniciais da embriogênese, durante a formação dos três folhetos embrionários que darão origem aos órgãos do corpo. É a partir do ectoderma, um desses folhetos, que se formam tanto o Sistema Nervoso Central (SNC) quanto a epiderme, a

camada mais superficial da pele. Isso revela que, desde sua origem, a pele está intimamente ligada ao SNC, conexão que se mantém ao longo da vida por meio de numerosas terminações nervosas livres e diferentes corpúsculos nervosos, estabelecendo um elo constante com o cérebro.

No livro *O poder do toque*, a autora Phyllis K. Davis (1991, p. 34; 41) nos diz:

Aparentemente, a pele humana constitui uma saída simbólica para os problemas emocionais íntimos, para as emoções reprimidas. [...] A pele, numa tentativa de ajudar com relação aos problemas psicológicos, produz sintomas a fim de chamar a atenção para esse grito interior por liberação. [...] O sentido do tato

reside em nossa pele e cérebro, e sua sensação se refere tanto ao contato físico quanto à emoção. Nossa pele transpira-se de desespero, coça ante frustração e se rompe de raiva [eu acrescentaria: espessa-se para se defender], reagindo com sensibilidade a nossas experiências tanto interiores quanto exteriores. É por meio do contato físico que aprendemos a nos comunicar, de uma forma que perdura por toda a vida.

No livro *Evolução em dois mundos*, André Luiz (1983a, cap. IX, primeira parte) explica que:

Findo longo período de trabalho, afirma-se o tato, por sentido cutâneo essencial, a espreadar-se por toda a pele. Esta se converte em superfície receptora, com variadas terminações nervosas que se salientam por extrema complexidade, desde as arborizações simples até os corpúsculos especializados que se localizam dentro da derme, utilizando células especiais, em comunicação incessante com o cérebro, para que as sensações táteis constantes possam defender os patrimônios da vida.

Ainda como residente em Dermatologia, em 1979, na Faculdade de Medicina da Universidade Estadual Paulista (Unesp), *campus* Botucatu, tive uma vivência que marcou profundamente minha carreira como médica dermatologista. Pude ver um adolescente curar-se de uma infecção fúngica grave, resistente aos medicamentos convencionais da época, após ter sido abordado sobre o assunto que mais o estava afligindo emocionalmente.



Na ocasião, o adolescente pôde viver uma catarse emocional seguida de um esclarecimento transformador: ele compreendeu, por meio de uma escuta amorosa, que era profundamente amado por seus pais, mesmo com o casal passando por um processo de separação. O que mais me chamou a atenção foi a forma como a professora conduziu aquele momento. Com carinho, sensibilidade e a intenção sincera de acolher e oferecer segurança, ela tocou a alma do jovem. E então, algo sutil, porém poderoso, aconteceu ali – e a cura veio à tona.

Quando iniciei no consultório, atendi uma paciente com psoríase, mãe de três filhos pequenos. Ao perguntar o que havia acontecido em sua vida que a havia estressado intensamente, dei espaço para que chorasse e compartilhasse sua dor profunda. Ela me contou que seu marido havia viajado de avião e não retornou, pois o avião havia caído. Ao explicar a ela as possíveis razões emocionais da doença, ouvi uma resposta surpreendentemente firme. Ela me disse, com muita resolução: “Se é isso a causa da doença, eu não vou ficar doente. Eu vou me curar!”

Então, perguntei onde ela buscava essa força. Mesmo em meio a um sofrimento imenso, ela compartilhou comigo sua fé. Contou que acreditava que o marido, espírita, vivia em algum lugar e tinha certeza de que seu desejo era que ela cuidasse dos filhos. Com grande lucidez, definiu para si mesma um propósito de vida: cuidar dos filhos e nunca mais adoecer.

Dois dias depois, ela retornou para realizar a biópsia e já estava livre da doença. Naquele instante, veio à tona em minha mente o primeiro caso vivenciado durante a residência, onde aprendi a ter “o olhar além da pele”. A partir de então, passei a buscar, nas emoções adoecidas, as causas das doenças, mas também a possibilidade da cura da alma pela pele.

Com o tempo, desenvolvi uma técnica: quando atendia casos de psoríase, fazia a pergunta-chave: “O que aconteceu em sua vida, de muito traumático, que abalou profundamente suas emoções antes

do surgimento da doença?” Quase sempre ocorria uma catarse emocional, com relatos de histórias de vida marcadas por dor. Então, eu compartilhava o caso de cura que presenciiei, explicando que seria necessário tomar uma decisão interna, que partisse da alma e se manifestasse no corpo.

Assim fui acompanhando, sucessivamente, muitos outros casos de cura. Aprendi a aplicar esse mesmo olhar em outras doenças de caráter autoimune, como vitiligo, líquen plano, lúpus eritematoso, entre outras. Fui observando que, com a possibilidade de vivenciarem uma catarse profunda – em que extravasavam emoções contidas e bloqueadas –, as pessoas, ao clarearem certas memórias, tomavam consciência de que essas emoções estavam na raiz de seu desequilíbrio emocional e do adoecimento. Ao adquirirem essa consciência e tomarem uma decisão íntima, vinda do mais profundo do ser – da alma para o corpo físico –, os pacientes podiam decidir: curar a si mesmos. Parecia-me que, naquele momento, abriam um espaço interno para a autocura. Passei a chamar esse fenômeno de *decisão interna*.

As obras da Codificação kardecista nos ensinam que somos um ser tríplice, compostos por Espírito, corpo espiritual (ou perispírito) e corpo físico. Em *O livro dos médiuns*, Allan Kardec (2020, segunda parte, cap. I, item 54) afirma: “No conhecimento do perispírito está a chave de inúmeros problemas até hoje insolúveis”. Já em *O Evangelho segundo o Espiritismo* (Kardec, 2019, cap. XIV, item 18), esclarece:

“Pela sua união íntima com o corpo, o perispírito desempenha preponderante papel no organismo”.

Quem comanda o corpo é o Espírito, por meio da mente, que atua sobre o corpo espiritual (ou perispírito) e, a partir dele, se projeta no corpo físico. Assim, compreendemos que emoções doentes, desequilibradas e retidas nesse corpo de energia causam desarmonias que se refletem no corpo físico, provocando doenças.

André Luiz e sua contribuição

No início da minha carreira, li o livro *Evolução em dois mundos*, de André Luiz (1983a). “Enfim, encontrei o que tanto buscava”, pensei naquele momento. Uma alegria espiritual tomou conta de mim. Com essa obra, passei a compreender a Fisiologia e a Fisiopatologia de forma mais ampla e integrada. A sensação que tive foi a de que, naquele instante, eu completava meus estudos de Medicina.

Compreendi mais claramente como as doenças se originam – das emoções para o corpo físico – e como se processam os mecanismos de cura. Passei a entender melhor a interação entre Espírito, mente, corpo espiritual e corpo físico. Em síntese, foi com essa leitura que aprofundi minha compreensão da Fisiologia e Fisiopatologia das doenças sob a ótica espiritual.

Em *Missionários da luz*, o orientador espiritual Apuleio afirma que a ciência ainda precisa avançar em suas descobertas

para que o ser humano possa começar a compreender como as partes mental e emocional afetam a matéria. André Luiz (1984a, cap. 14), “animado com as elucidações recebidas”, observa:

– Tem razão. Ainda hoje, embora a minha condição de desencarnado, não me sinto à altura de receber determinadas notícias, sem alterações do meu campo emocional.

– Muito bem! – falou o diretor satisfeito – é que você está fazendo o longo curso de autodomínio. Somente depois dele, saberá selecionar as forças que o procuram, ambientando nas zonas íntimas de sua alma apenas aquelas de teor reconfortante ou construtivo.

O artigo escrito por Florence Dalgard e Antony Bewley (2024) aborda a conexão entre mente e pele, explorando a relação entre doenças inflamatórias cutâneas e o estresse psicológico. Na revisão, os pesquisadores destacam que essa associação abre espaço para a discussão de potenciais mecanismos neurobiológicos envolvidos. O foco recai, especialmente, sobre as citocinas pró-inflamatórias presentes na circulação sistêmica, as interações entre cérebro, intestino e pele, bem como sobre a atividade das redes cerebrais.

Além disso, o artigo aponta para possíveis vias descendentes do cérebro que contribuem para o agravamento das doenças inflamatórias da pele em contextos de estresse psicológico, incluindo os eixos hipotálamo-hipófise-adrenal central e periférico, os nervos periféricos e a função de barreira da pele (Dalgard; Bewley, 2024).



A pele e glândulas

Acerca do papel da pele como receptora de fluidos sob a influência de outra mente – captando ordens e sugestões que são então conduzidas ao cérebro –, encontramos valiosas informações na obra *Nos domínios da mediunidade* (Luiz, 1984b, cap. 5):

– Repararam na comunhão entre Clementino [instrutor desencarnado] e Silva [encarnado], no momento da prece? [...] A emissão mental de Clementino, condensando-lhe o pensamento e a vontade, envolve Raul Silva em profusão de raios que lhe alcançam o campo interior, primeiramente pelos poros, que são miríades de antenas sobre as quais essa emissão adquire o aspecto de impressões fracas

e indecisas. Essas impressões apoiam-se nos centros do corpo espiritual, que funcionam à guisa de condensadores, atíngem, de imediato, os cabos do sistema nervoso, a desempenharem o papel de preciosas bobinas de indução, acumulando-se aí num átimo e reconstituindo-se, automaticamente, no cérebro [...].

Em um dos congressos da AME-SP, após a minha apresentação sobre a relação entre a pele e as emoções, uma pessoa, de forma muito gentil, compartilhou comigo um trabalho científico sobre as glândulas sudoríparas, intitulado “Antenas naturais na pele humana revelam estado emocional e fisiológico” (“Human Skin as Arrays of Helical Antennas in the Millimeter and Submillimeter Wave Range”), de Feldman *et al.* (2008). Segue um trecho:

Cientistas israelenses conseguiram detectar exatamente como os *poros da pele humana funcionam como verdadeiras antenas, parecidas com as utilizadas em redes de comunicação sem fios*. A descoberta deverá permitir o monitoramento remoto do estado fisiológico e emocional de pacientes, a avaliação do desempenho de atletas, o diagnóstico de doenças e até mesmo a detecção a distância do nível de ansiedade de uma pessoa. Utilizando uma técnica chamada Tomografia Óptica Coerente, os médicos da Universidade Hebraica de Jerusalém descobriram que as *“bobinas naturais” da pele humana são miniaturas das antenas utilizadas nos sistemas de comunicações sem fios*. A chave da descoberta está no formato dos dutos que trazem o suor das glândulas sudoríparas para a superfície da pele. Elas têm o formato de minúsculas bobinas, transformando a pele em uma estrutura de minúsculas antenas que operam na frequência subterahertz (Feldman *et al.*, 2008, tradução e grifos nossos).

Agora observamos um movimento inverso: a pele atuando como via de eliminação de substâncias provenientes do cérebro, por meio das glândulas sudoríparas e do suor. Nas obras de André Luiz, a pele é descrita como um importante órgão de drenagem de fluidos adocados, cumprindo essa função por meio dos poros e das glândulas sudoríparas.

No livro *Missionários da luz*, conhecemos o caso de uma servidora com distúrbio cardíaco. André Luiz (1984a, cap. 19) descreve o que via no corpo espiritual da servidora, em uma casa espírita: “[...] tenuíssima nuvem negra, que cobria grande extensão da zona indicada, interessando ainda a válvula aórtica e lançando filamentos quase imperceptíveis sobre o nódulo sinoauricular”. O instrutor espiritual, habituado a estudar a história de seus pacientes, revela então o acontecimento que havia provocado o desequilíbrio da servidora:



Esta amiga, na manhã de hoje, teve sérios atritos com o esposo, entrando em grave posição de desarmonia íntima. A pequena nuvem que lhe cerca o órgão vital representa matéria mental fulminatória. A permanência de semelhantes resíduos no coração pode ocasionar-lhe perigosa enfermidade. Atendamos ao caso (Luiz, 1984a, cap. 19).

Anacleto, em delicada operação magnética, emitia raios luminosos na região do coração: “A reduzida porção de matéria negra, que envolvia a válvula mitral, deslocou-se vagarosamente e, como se fora atraída pela vigorosa vontade de Anacleto, veio aos tecidos da superfície, espalhando-se sob a mão irradiante, ao longo da epiderme” (Luiz, 1984a, cap. 19).

Vemos, nesse exemplo, a importância dos recursos da terapia complementar espírita para a saúde, assim como o papel essencial da pele e de suas glândulas na absorção de fluidos salutares e na drenagem de fluidos deletérios.

No livro *Obreiros da vida eterna*, André Luiz (1983b, cap. 16, grifos nossos) nos relata o caso de Fábio, em processo desencarnatório, sendo assistido por uma equipe espiritual:

Reparei que Jerônimo e Aristeu passaram a aplicar passes longitudinais no enfermo, observando que *deixavam as substâncias nocivas à flor da epiderme [...]. As substâncias retidas nas paredes da pele serão absorvidas pela água magnetizada do banho, a ser usado em breves minutos*. Efetivamente, atendendo à influência dos amigos espirituais,

que lhe davam intuições indiretamente, Fábio dirigiu-se à esposa, expressando o desejo de leve banho morno, no que foi atendido em reduzidos instantes. Jerônimo e Aristeu ministraram à água pura certos agentes de absorção e ampararam a dedicada senhora, que, por sua vez, auxiliou o marido a banhar-se, como se estivesse satisfazendo o desejo de uma criança. Notei, admirado, que a operação se fizera acompanhar de salutareos efeitos, surpreendendo-me, mais uma vez, ante a capacidade absorvente da água comum. *A matéria fluídica prejudicial fora integralmente retirada das glândulas sudoríparas*. Terminado o banho, o enfermo voltou ao leito, em pijama, de fisionomia confortada e espírito bem disposto. Algumas fricções de álcool, levadas a efeito, completaram-lhe a melhora fictícia.

Com o Espírito Dr. Dias da Cruz, aprendi a olhar as alergias, muitas vezes, como intoxicações fluídicas, provocadas por nós mesmos ou por outro ser, encarnado ou desencarnado, em um processo de obsessão, sendo drenadas pela pele. Passei a ficar mais atenta às influências espirituais, procurando conversar mais com os pacientes e orientá-los a buscar auxílio espiritual, independentemente de sua religião, ou, ao menos, a orar (Cruz, 1991a; 1991b; 1991c). Encontrei nele um grande professor, que veio complementar meus conhecimentos para o exercício da Medicina da Alma.

Conto, em meu livro, vários casos de contaminação fluídica com manifestações cutâneas que, ao passarem por tratamentos espirituais, tiveram suas lesões

desaparecidas – sugerindo, assim, uma etiologia espiritual. Trago, então, na obra *A pele como instrumento da cura da alma*, diversos casos que guardei na memória, que me tocaram o coração e me permitiram ver além da pele, ou seja, aquilo que a alma sente.

No livro, compartilho um pouco da minha vida: como me tornei espírita e como nasceu o desejo de transmitir aos outros minha experiência como dermatologista “além da pele”, no sentido de levar esperança aos doentes, mudando o conceito de que certas doenças não têm cura, para a compreensão de que é possível curar-se, trazendo um novo paradigma: a superioridade do Espírito sobre as emoções e sobre o corpo físico. Não tive a pretensão de empregar uma linguagem acadêmica, mas, sim, de relatar histórias e casos pelos quais aprendi e, muitas vezes, ensinei.

Referências

CRUZ, Dias da (Espírito). Alergia e obsessão. *In*: ESPÍRITOS DIVERSOS. **Instruções psicofônicas**. Psicografado por Francisco Cândido Xavier. 6. ed. Brasília, DF: FEB, 1991a.

CRUZ, Dias da (Espírito). Domínio magnético. *In*: ESPÍRITOS DIVERSOS. **Instruções psicofônicas**. Psicografado por Francisco Cândido Xavier. 6. ed. Brasília, DF: FEB, 1991b.

CRUZ, Dias da (Espírito). Terapêutica da prece. *In*: ESPÍRITOS DIVERSOS. **Instruções psicofônicas**. Psicografado por Francisco Cândido Xavier. 6. ed. Brasília, DF: FEB, 1991c.

DALGARD, Florence; BEWLEY, Antony. New insights to the mind-body connection: The importance of the brain-gut microbiome for inflammatory skin diseases.

Journal of the European Academy of Dermatology and Venereology, v. 38, p. 784-785, 2024; Doi: <https://doi.org/10.1111/jdv.19946>.

DAVIS, Phyllis K. **O poder do toque**. 3. ed. São Paulo: Editora Best Seller, 1991.

FELDMAN, Yuri; PUZENKO, Alexander; ISHAI, Paul Ben *et al.* Human Skin as Arrays of Helical Antennas in the Millimeter and Submillimeter Wave Range. **Physical Review Letters**, v. 100, 2008. Doi: <https://doi.org/10.1103/PhysRevLett.100.128102>.

KARDEC, Allan. **A gênese**. Tradução de Guillon Ribeiro. 53. ed. Brasília, DF: FEB, 2019. Disponível em: <https://www.febnet.org.br/wp-content/uploads/2012/07/WEB-A-Genese-Guillon.pdf>. Acesso em: 10 mar. 2025.

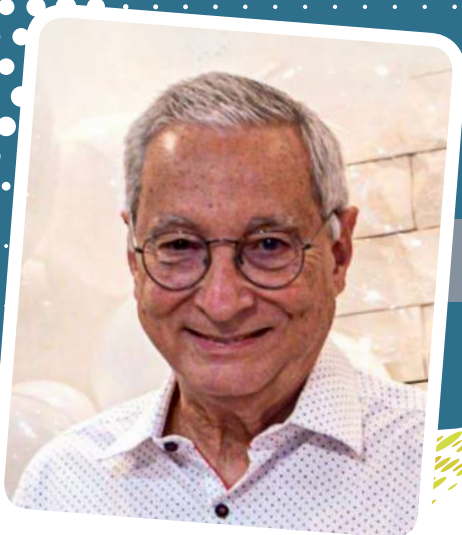
KARDEC, Allan. **O livro dos médiuns**. Tradução de Guillon Ribeiro. 81. ed. edição histórica. Brasília, DF: FEB, 2020. Disponível em: <https://www.febnet.org.br/wp-content/uploads/2012/07/WEB-Livro-dos-Mediuns-Guillon-1.pdf>. Acesso em: 10 mar. 2025.

LUIZ, André (Espírito). **Evolução em dois mundos**. Psicografado por Francisco Cândido Xavier e Waldo Vieira. Brasília, DF: FEB, 1983a. (Coleção A Vida no Mundo Espiritual, 10).

LUIZ, André (Espírito). **Nos domínios da mediunidade**. Psicografado por Francisco Cândido Xavier. Brasília, DF: FEB, 1984b. (Coleção A Vida no Mundo Espiritual, 8).

LUIZ, André (Espírito). **Missionários da luz**. Psicografado por Francisco Cândido Xavier. Brasília, DF: FEB, 1984a. (Coleção A Vida no Mundo Espiritual, 3).

LUIZ, André (Espírito). **Obreiros da vida eterna**. Psicografado por Francisco Cândido Xavier. Brasília, DF: FEB, 1983b. (Coleção A Vida no Mundo Espiritual, 4).



José Fernando Souza

Médico neuropediatra; membro da AME-Brasil.

O sono infantil e sua conexão com o mundo espiritual

A medicina do sono, como especialidade médica, foi reconhecida em 2015 pela Sociedade Brasileira de Pediatria (SBP). Esse reconhecimento se fundamenta na relevância do sono de qualidade para o pleno funcionamento do organismo, abrangendo os aspectos físicos, emocionais, cognitivos, sociais e espirituais. O impacto do bom sono na saúde e no bem-estar da criança – tanto em relação às horas dormidas à noite quanto às condições do ambiente de sono – é um fator determinante para um desenvolvimento global saudável.

Estudos indicam que cerca de 25% das crianças enfrentam algum tipo de distúrbio relacionado ao sono ou dificuldade em manter-se dormindo. Isso reforça

o entendimento de que não somos seres notívagos: a noite existe para o repouso, o descanso. Contudo, a cada dia, vemos crianças e adolescentes dormindo menos horas, o que compromete significativamente sua saúde física, emocional e o equilíbrio geral do organismo (Barbisan, 2014).

O sono e sua importância à vida humana

O sono pode parecer um estado de desligamento do cérebro, seguido de descanso corporal, mas o estudo da fisiologia do sono nos mostra que o cérebro permanece bastante ativo (Macleane *et al.*, 2015). Assim, podemos descrever o sono como

uma atividade periódica de natureza fisiológica, caracterizada, segundo Chokroverty (2010), por:

- desligamento da consciência, associado à redução da sensibilidade e da resposta a estímulos ambientais;
- modificações nos padrões da atividade elétrica cerebral em relação ao estado de vigília;
- características motoras, posturais e autonômicas específicas;
- rápida reversibilidade.

Hoje sabemos que a privação do sono, seja a curto ou a longo prazo, é prejudicial ao sistema nervoso em formação. No curto prazo, observa-se: redução da atenção, concentração, instabilidade emocional, aumento da sensibilidade à dor, diminuição da produtividade e absenteísmo escolar. No longo prazo, pode haver desenvolvimento de: doenças coronarianas, insuficiência cardíaca, hipertensão sistêmica, obesidade, diabetes, AVC, baixa imunidade, prejuízos à memória seja a recente ou a prolongada e depressão.

O sono, em suas funções termorreguladoras, também é de vital importância para a consolidação da memória (Jessen *et al.*, 2015). Recentemente, foi descoberto o sistema glinfático, que envolve células da glia e tem a função de remover resíduos tóxicos oriundos do metabolismo cerebral. Essa função ocorre predominantemente durante o sono profundo, chamado NREM (Giuditta, 2014).

A chamada homeostase sináptica propõe um mecanismo de recuperação das sinapses envolvidas na melhoria da aprendizagem durante a vigília. É nesse processo que ocorre a consolidação da memória, especialmente no sono de ondas lentas (Kuhn *et al.*, 2016).

Estrutura do sono

O sono normal possui diversos estágios, que apresentam características eletroencefalográficas e comportamentais distintas, as quais podem ser observadas e estudadas fisiologicamente, inclusive para análise da fisiopatologia quando presente alguma disfunção.

Dividimos o sono em duas categorias principais:

- REM (*Rapid Eye Movement*, ou movimento rápido dos olhos) – fase em que ocorrem os sonhos;
- NREM (*Non-Rapid Eye Movement*, ou sono sem movimento rápido dos olhos) – subdividido em três estágios: NREM 1, 2 e 3 – que vão da sonolência ao sono mais profundo.

Durante os estágios do sono NREM, o eletroencefalograma do paciente demonstra diminuição da frequência e aumento da amplitude das ondas cerebrais. Nesse período, há queda da pressão arterial, redução da frequência cardíaca e liberação do hormônio do crescimento (HGH).

Já no sono REM, ocorre diminuição da amplitude e aumento da frequência das ondas cerebrais, assemelhando-se ao eletroencefalograma do estado de vigília. Nessa fase, há atonia muscular e irregularidade da pressão arterial e da frequência cardíaca, podendo ocorrer apneias centrais (Kuhn *et al.*, 2016).

Os dois estágios, REM e NREM, se alternam ao longo da noite, formando ciclos que duram entre 90 e 120 minutos, repetindo-se de quatro a cinco vezes por noite.

É normal que haja alterações na citoarquitetura do sono com o avanço da idade e com outros fatores. Despertares noturnos, por exemplo, tornam-se mais comuns com o envelhecimento. A chamada ortogênese do sono (ou evolução do sono ao longo do desenvolvimento humano) varia de acordo com a idade. Por isso, há recomendações específicas da Academia Americana do Sono quanto à duração ideal do sono em cada faixa etária (Hobson, 2005):

- de 4 a 12 meses – 12 a 16 horas de sono;
- de 1 a 2 anos – 11 a 14 horas de sono;
- de 3 a 5 anos – 10 a 13 horas de sono;
- de 6 a 12 anos – 9 a 12 horas de sono;
- de 13 anos em diante – 8 a 10 horas de sono.

Diante dessas recomendações, observa-se que todas as faixas etárias têm dormido progressivamente menos a cada dia.

As inúmeras patologias do sono podem ser agrupadas da seguinte forma:

- movimentos anormais do sono – sonambulismo, terror noturno, despertar confusional, pesadelo, enurese, paralisia do sono, síndrome das pernas inquietas e bruxismo;
- distúrbio do trato respiratório – roncos, apneias, morte súbita e hiperventilação;
- distúrbio do sono associado – refluxo gastroesofágico, asma, TDAH, autismo, anemia falciforme e distúrbios psiquiátricos.

Após essa parte técnica, podemos refletir sobre como a Doutrina Espírita compreende o sono e sua singularidade na infância e na adolescência. Ao olharmos para a criança ou o adolescente sob o olhar doutrinário, na verdade, estamos diante de um Espírito em desenvolvimento, com um passado que somente o Pai conhece – passado este que reflete suas encarnações anteriores, como Espírito imortal.

Suas relações, sejam de afeto ou de desafeto, geram o que Herculano Pires (2020) denominou relações metassociais. É nesse contexto que, no momento do sono – ou melhor, na chamada emancipação da alma, como nos ensina Kardec (2006, parte segunda, cap. VIII, questão n. 401) –, o Espírito vivencia experiências que extrapolam o plano físico, interagindo com dimensões espirituais que podem contribuir para seu progresso ou aprendizado, conforme suas necessidades evolutivas.

Ensinam-nos os amigos espirituais: “Durante o sono a alma repousa com o corpo? Não, o Espírito jamais está inativo, [...] o Espírito se lança no espaço e entra em relação mais direta com os outros Espíritos” (Kardec, 2006, parte segunda, cap. VIII, questão n. 401). Portanto, é assim que se dá saúde ou enfermidade ao sono.

No livro *Entre a terra e o céu*, André Luiz (2021) nos apresenta um exemplo marcante de emancipação da alma, à beira-mar, onde diversos Espíritos, inclusive infantis, se reúnem, sempre assistidos por benfeitores espirituais. Na mesma obra, conhecemos o Lar de Bênção, uma colônia espiritual dirigida pela Irmã Blandina, onde é narrada a história do pequeno Júlio. Essa colônia é um verdadeiro educandário para almas infantis e suas mães, oferecendo acolhimento, aprendizado e preparo para suas experiências reencarnatórias.

Dessa forma, percebemos o quanto a Doutrina dos Espíritos tem a contribuir para a compreensão do sono e suas relações com o mundo espiritual, sabendo que todos nós, diariamente, durante o sono, nos desligamos parcialmente da matéria e alçamos voo ao mundo dos Espíritos, em busca de aprendizado, consolo ou orientação, conforme nossa sintonia espiritual.

Referências

- BARBISAN, Beatriz N. **Medicina do sono**. São Paulo: Atheneu, 2014.
- CHOKROVERTY, Sudhansu. Overview of sleep & sleep disorders. **Indian Journal of Medical Research**, v. 131, n. 2, p. 126-140, 2010.
- GIUDITTA, Antonio. Sleep memory processing: The sequential hypothesis. **Frontiers in Systems Neuroscience**, v. 8, p. 219, 2014. Doi: <https://doi.org/10.3389/fnsys.2014.00219>.
- HOBSON, J. Allan. Sleep is of the brain, by the brain and for the brain. **Nature**, v. 437, p. 1.254-1.256, 2005. Doi: <https://doi.org/10.1038/nature04283>.
- JESSEN, Nadia Aalling; MUNK, Anne Sofie Finmann; LUNDGAARD, Iben; NEDERGAARD, Maiken. The Glymphatic system: a beginner's guide. **Neurochemical Research**, v. 40, n. 12, p. 2.583-2.599, 2015. Doi: <https://doi.org/10.1007/s11064-015-1581-6>.
- KARDEC, Allan. **O livro dos Espíritos**. Brasília, DF: FEB, 2006.
- KUHN, Marion; WOLF, Elias; MAIER, Jonathan G. *et al.* Sleep recalibrates homeostatic and associative synaptic plasticity in human cortex. **Nature Communications**, p. 12455, 2016. Doi: <https://doi.org/10.1038/ncomms12455>.
- LUIZ, André (Espírito). **Entre a Terra e o céu**. Psicografado por Francisco Cândido Xavier. Brasília, DF: FEB, 2021. (Coleção A Vida no Mundo Espiritual, 7).
- MACLEAN, Joanna E.; FITZGERALD, Dominic A.; WATERS, Karen A. Developmental changes in sleep and breathing across infancy and childhood. **Paediatric Respiratory Reviews**, v. 16, n. 4, p. 276-284, 2015. Doi: <https://doi.org/10.1016/j.prrv.2015.08.002>.
- PIRES, Herculano. **Introdução à filosofia espírita**. São Paulo: Paideia, 2020.



José Roberto Pereira Santos

Médico-especialista em Medicina Interna, Reumatologia e Medicina Intensiva; fundador e atual presidente da AMEEES; coordenador do Departamento de Bioética da AME-Brasil.

Bioética

O progresso técnico-científico na área das ciências da vida trouxe avanços extraordinários, mas também desafios significativos. Dentre esses progressos, podemos citar a biotecnologia e os avanços na genética, com a possibilidade de manipulação dos genes. Tais avanços, além de proporcionarem melhorias expressivas na produção de alimentos e em outras áreas da ciência, des-cortinaram a possibilidade de o ser humano alterar o seu próprio código genético – algo impensável há algumas décadas –, o que trouxe grandes desafios e implicações éticas para o futuro da humanidade.

O bioquímico e professor de oncologia Van Rensselaer Potter cunhou o termo “bioética”, em 1971, ao lançar sua obra clássica, intitulada *Bioética: ponte para o*

futuro. Nesse livro, ele chama a atenção da comunidade científica para a necessidade de criação de uma disciplina que associe os conhecimentos biológicos aos valores humanos, constituindo, assim, uma ponte entre essas duas vertentes. Valores éticos não podem ser dissociados dos fatos biológicos. Potter (2016, p. 13) define a bioética como a “ciência da sobrevivência humana”.

Essa disciplina tem, cada vez mais, despertado o interesse da sociedade, à medida que os questionamentos sobre os limites éticos da conduta médica se expandem. Temas como experimentação em seres humanos, engenharia genética, doação e transplante de órgãos, reprodução assistida, clonagem, congelamento de embriões, uso de células-tronco em pesquisas,

telemedicina e inteligência artificial, entre outros, passaram a ser debatidos de forma multidisciplinar, envolvendo diversas áreas do saber: medicina, biologia, psicologia, direito, sociologia, religião, política etc.

O objetivo da bioética é garantir que os procedimentos estejam em consonância com os valores éticos e morais predominantes em cada sociedade. Segundo

que procuram refletir as normas morais mais compatíveis com os princípios defendidos por distintos grupos sociais (Santos, 2022). Não é difícil constatar que estamos diante de uma pluralidade de critérios, muitas vezes, inconciliáveis entre si (Sgreccia, 2009).

A seguir, relacionamos alguns dos principais modelos bioéticos da atualidade:

espírita

Potter (2016), o destino humano está nas mãos da ciência e da tecnologia. Se queremos preservar a dignidade do indivíduo e garantir que a espécie humana sobreviva e prospere, precisamos cultivar o mundo das ideias e aperfeiçoar as técnicas para alcançar juízos de valor em áreas nas quais os fatos não são suficientes. O pesquisador faz referência ao conceito de “conhecimento perigoso” – aquele que se acumulou mais rapidamente do que a sabedoria necessária para administrá-lo, gerando um desequilíbrio temporário ao superar outros ramos do conhecimento (Potter, 2016).

Diante desses novos dilemas, as propostas éticas tornaram-se cada vez mais diversificadas. Esse pluralismo ético levou à criação de diversos modelos bioéticos,

- *modelo sociobiológico* – os adeptos desse modelo entendem que os princípios e valores éticos devem acompanhar os costumes de um grupo social em determinada época. Para eles, a cultura e a história são prioritárias na formação dos valores morais. Defendem a tolerância à pluralidade de costumes e comportamentos. Assim, se uma prática como o aborto ou a eutanásia for aceita socialmente, ela passa a ser considerada legítima (Sgreccia, 2009; Ramos, 2009; Nobre, 2003). O valor da vida humana torna-se, portanto, temporal e condicionado aos costumes sociais e ao comportamento da coletividade;

- *modelo subjetivista ou liberal-radical* – nesse modelo, a moral não pode se fundamentar nos fatos nem em valores universais (Sgreccia, 2009). As normas e os valores nascem do próprio sujeito. O homem é quem decide o que é certo ou errado, bem ou mal, verdadeiro ou falso em relação às questões morais. Prevalece o princípio da autonomia radical, enfatizando a liberdade individual. A decisão é um ato subjetivo e deve ser respeitada, mesmo que envolva escolhas como viver ou morrer. Indivíduos que não possuem autonomia – como embriões, fetos, pessoas com deficiência mental, pacientes com demência ou em coma – ficam à margem da proteção ética, pois não há uma norma coletiva que os resguarde. Nesse modelo, práticas como o aborto, a eutanásia e o suicídio assistido são socialmente aceitas (Ramos, 2009; Nobre, 2003);
- *modelo pragmático-utilitarista* – aqui, as decisões sobre valores baseiam-se no critério da utilidade social do indivíduo. Parte-se da ideia de que a vida deve ser orientada para maximizar o prazer, minimizar a dor e expandir as liberdades pessoais. Nesse sentido, “pessoa” é aquele ser que tem a capacidade de sentir e experimentar o prazer. O conceito de qualidade de vida se sobrepõe ao de dignidade da vida. Indivíduos não

sencientes – como embriões antes do desenvolvimento do sistema nervoso, fetos malformados, pessoas com deficiência severa, pacientes em estado vegetativo – não são considerados como pessoas plenas ou tidas como portadoras de qualidade de vida. Além disso, considera-se o custo econômico da manutenção da vida de quem não apresenta perspectiva de recuperação funcional. Um dos defensores desse modelo é o filósofo Peter Singer (2006), que, embora defenda a vida dos animais, justifica o aborto e a eutanásia em determinadas situações. Para ele, bebês em gestação e pacientes em coma não possuem uma qualidade de vida mensurável;

- *modelo personalista* – proposto por Elio Sgreccia (2009), cardeal e bioeticista italiano, tem como base a pessoa humana como centro de referência. A pessoa é compreendida como uma unitotalidade, constituída por corpo e Espírito. Nesse modelo, o valor da pessoa não depende da normalidade física, pois a dignidade humana é intrínseca e não se perde mesmo que a vida física não se manifeste plenamente. O conceito de pessoa abrange todo ser humano vivo, desde o zigoto até a velhice, independentemente da possibilidade de exercer suas potencialidades (como no caso de fetos malformados) ou mesmo se as tiver perdido

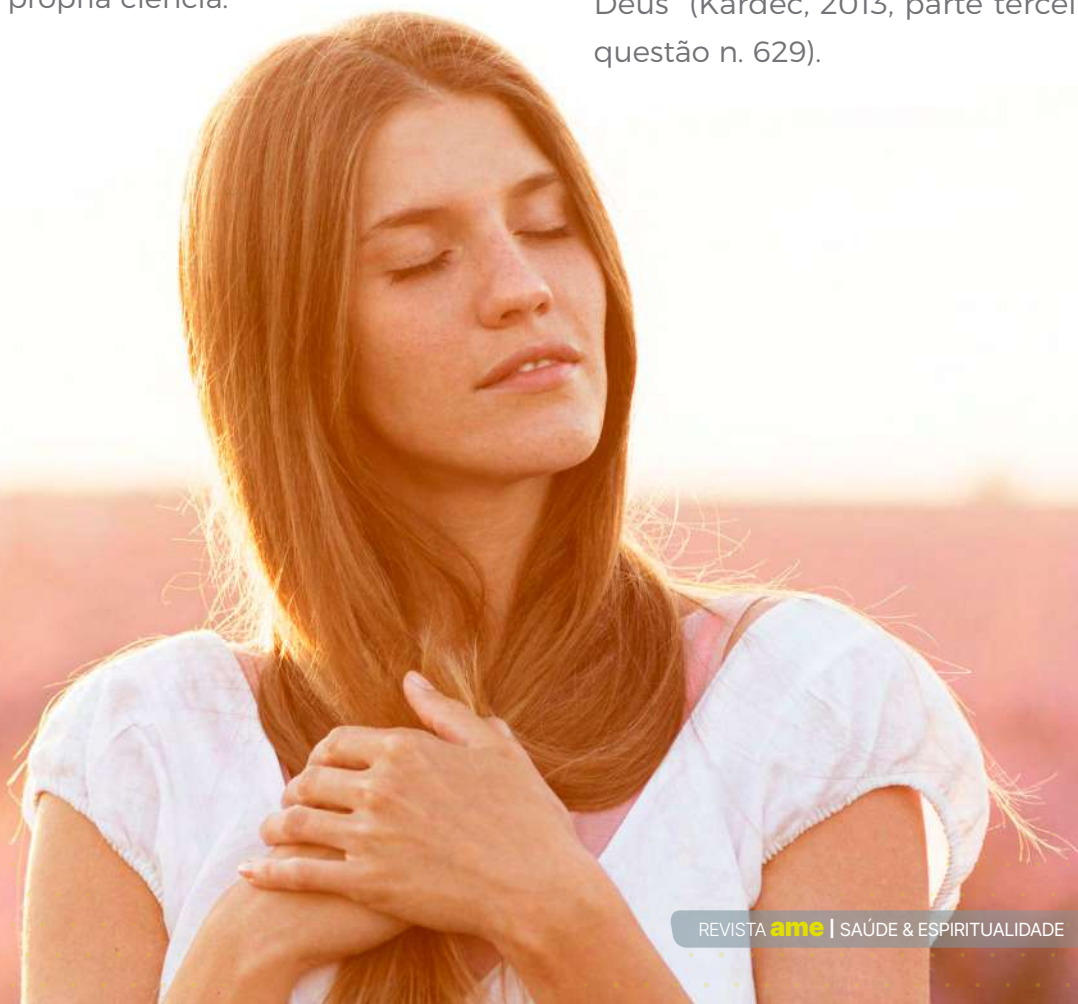
(como em pacientes com demência ou em coma). Do momento da concepção até a morte, seja em situação de sofrimento ou de saúde, a pessoa humana é sempre o ponto de referência para distinguir o que é lícito do que é ilícito (Sgreccia, 2009).

Há um modelo de bioética espírita?

Marlene Nobre (2003) considera que a denominação *Modelo Personalista Espírita* é a mais adequada para exprimir o modelo ético que emerge dos princípios espíritas. A Doutrina Espírita se ancora na fé raciocinada, pois suas verdades estão sujeitas ao progresso humano promovido pela própria ciência.

Em *A gênese*, Kardec (1994, cap. I) afirma: “Caminhando de par com o progresso, o Espiritismo jamais será ultrapassado, porque, se novas descobertas lhe demonstrassem estar em erro acerca de um ponto qualquer, ele se modificaria nesse ponto. Se uma verdade nova se revelar, ele a aceitará”. A base dos ensinamentos espíritas foi revelada pelos Espíritos, que, por meio das obras da Codificação, trouxeram respostas aos grandes problemas filosóficos que desafiam a humanidade: quem somos? De onde viemos? Para onde vamos?

Na parte referente às Leis Morais, os Espíritos definem com clareza o que é a moral: “A moral é a regra do bem proceder, isto é, de distinguir o bem do mal. Funda-se na observância da Lei de Deus. O homem procede bem quando tudo faz pelo bem de todos, porque então cumpre a Lei de Deus” (Kardec, 2013, parte terceira, cap. I, questão n. 629).



Na sequência, os mesmos Espíritos apresentam uma definição precisa sobre o bem e o mal: “O bem é tudo o que é conforme à Lei de Deus; o mal, tudo o que lhe é contrário. Assim, fazer o bem é proceder de acordo com a Lei de Deus. Fazer o mal é infringi-la” (Kardec, 2013, parte terceira, cap. I, questão n. 630).

Para as questões bioéticas, que suscitam intensos debates e diferentes posicionamentos na sociedade, a Doutrina Espírita oferece respostas claras. Para o Espiritismo, a vida é o bem maior, e ninguém tem o direito de abreviá-la, nem mesmo o próprio indivíduo. Essa visão se alinha ao modelo de bioética personalista, ao reconhecer como pessoa humana todo ser vivo, desde o momento da concepção até a velhice. Assim, respeita o direito à vida do embrião, do feto malformado, mesmo quando não há perspectiva de sobrevivência fora do útero.

Contudo, o Espiritismo vai além: apresenta argumentos racionais e éticos insofismáveis, oferecendo fundamentos lógicos e morais sobre por que devemos defender a vida e sua dignidade. A vida humana não pode ser relativizada. O conceito de pessoa humana não deve depender de determinismos econômicos ou políticos, nem de convenções culturais transitórias. Vida e pessoa humana são intemporais. No momento da concepção, um novo ser humano está formado, com direito natural à existência.

Como bem afirma Marlene Nobre (2003, p. 91), em seu livro *A alma da matéria*:

Não há dúvida de que a noção de pessoa para a Doutrina Espírita é a do ser que tem uma dignidade intrínseca, ontológica, conferida pela presença da alma, o elemento imortal, de origem divina, que necessita do corpo físico como instrumento para aprender e evoluir, continuamente, através de encarnações sucessivas. Esse ponto é fundamental para distinguir o conceito espírita de pessoa dos demais: o princípio da reencarnação, segundo o qual o Espírito passa por um número incontável de corpos físicos, assumindo, portanto, inúmeras personalidades, até depurar-se, com a aquisição do bem maior: a Sabedoria e o Amor plenos.

Para a Doutrina Espírita, a vida começa no momento em que o Espírito é criado por Deus. Portanto, a vida é o próprio Espírito, o princípio inteligente do Universo. Deus cria os Espíritos continuamente, e os cria simples e ignorantes. A partir de então, por meio de diversas experiências vividas ao longo de inúmeras encarnações, os Espíritos vão amadurecendo e se aperfeiçoando.

Dentro desse *continuum* existencial, temos o início da vida biológica a cada nova encarnação. Na experiência humana, a vida biológica tem início na fecundação ou concepção, quando o Espírito se liga ao zigoto – união do ovócito com o espermatozoide –, conforme nos ensina *O livro dos Espíritos*.



A união começa na concepção, mas só é completa por ocasião do nascimento. Desde o instante da concepção, o Espírito designado para habitar certo corpo a este se liga por um laço fluídico, que cada vez mais se vai apertando até o instante em que a criança vê a luz. O grito, que o recém-nascido solta, anuncia que ele se conta no número dos vivos e dos servos de Deus (Kardec, 2013, parte segunda, cap. VII, questão n. 344).

O Espiritismo defende a evolução contínua e gradual de todos os seres por meio da filogênese, possibilitando a individualização do princípio espiritual. A sacralidade da vida origina-se justamente desse princípio, que inicia sua trajetória na biogênese dos cristais, individualizando-se progressivamente a cada nova existência ao longo da escala filogenética. “É assim que tudo se encadeia na natureza, desde o átomo primitivo até o arcanjo, que também começou por ser átomo” (Kardec, 2013, parte segunda, cap. IX, questão n. 540).

A pluralidade dos mundos habitados, a reencarnação, o livre-arbítrio e a lei de ação e reação são fundamentos da Justiça Divina, pois oferecem ao Espírito a oportunidade de corrigir os desvios cometidos por inobservância às leis de Deus. No instante da concepção, o Espírito se liga ao novo corpo físico, inaugurando uma nova chance de evolução dentro de um projeto existencial único – em qualquer corpo que seja. O corpo físico, do qual o Espírito se reveste, é sempre adequado à sua evolução naquela existência e guarda relação direta com sua historiografia espiritual.

A reencarnação de um Espírito em um corpo considerado “defeituoso”, portanto, obedece aos ditames das Leis Divinas, permitindo que esse Espírito, naquela condição, se reedueque perante a lei, resgatando débitos cármicos e prosseguindo em seu projeto evolutivo. O objetivo das sucessivas encarnações é conduzir o Espírito ao estado de perfeição.

Desse modo, o aborto destrói a vida biológica e interrompe o processo reencarnatório do Espírito que habita aquele corpo desde a fecundação, comprometendo sua oportunidade de progresso espiritual. Já a eutanásia priva o Espírito de cumprir integralmente a trajetória de sua encarnação, retirando-lhe a chance de enfrentar, com dignidade, os desafios que ele mesmo engendrou sob a ação da Lei de Causa e Efeito.

Deus lhes impõe a encarnação com o fim de fazê-los chegar à perfeição. Para uns, é expiação; para outros, missão. Mas, para alcançarem essa perfeição, têm que sofrer todas as vicissitudes da existência corporal: nisso é que está a expiação. Visa ainda outro fim a encarnação: o de pôr o Espírito em condições de suportar a parte que lhe toca na obra da Criação. Para executá-la é que, em cada mundo, toma o Espírito um instrumento, de harmonia com a matéria essencial desse mundo, a fim de aí cumprir, daquele ponto de vista, as ordens de Deus. É assim que, concorrendo para a obra geral, ele próprio se adianta (Kardec, 2013, parte segunda – cap. II, questão n. 132).

Referências

- KARDEC, Allan. **A gênese**: os milagres e as predições segundo o Espiritismo. 36. ed. Brasília, DF: FEB, 1994.
- KARDEC, Allan. **O livro dos Espíritos**. 93. ed. Brasília, DF: FEB, 2013.
- NOBRE, Marlene. **A alma da matéria**. São Paulo: FE Editora, 2003.
- POTTER, Van Rensselaer. **Bioethics**: bridge to the future. Englewood Cliffs: Prentice-Hall, 1971.
- RAMOS, Dalton Luiz de Paula. **Bioética, pessoa e vida**. São Paulo: Difusão Editora, 2009.
- SANTOS, José Roberto Pereira. Apresentação. In: SANTOS, José Roberto Pereira. **Bioética espírita**. São Paulo: AME-Brasil Editora, 2022.
- SGRECCIA, Elio. **Manual de bioética I**: fundamentos e ética biomédica. São Paulo: Edições Loyola, 2009.
- SINGER, Peter. **Ética prática**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.





Márcia Regina Colasante Salgado

Médica especialista em Pneumologia, Medicina do Trabalho e Homeopatia; primeira-tesoureira da AME-Brasil.

Magnetismo, Espiritismo e homeopatia: qual a conexão?

Remontar ao passado não é tarefa fácil. Como encontrar os fios invisíveis que interligam dois séculos consecutivos e três personagens notáveis, que se destacaram nos séculos XVIII e XIX – marcados por grandes desigualdades sociais e conflitos, mas também por profundas transformações políticas e culturais, com inúmeras conquistas tecnológicas e avanços da ciência?

Certamente, se tivéssemos a capacidade de varrer as ondas luminosas disseminadas pelo Universo – o fluido universal – em busca de arquivos informativos, poderíamos

contemplar o magnífico planejamento espiritual da encarnação desses Espíritos missionários, que desafiaram os preconceitos de seu tempo, trazendo uma nova visão para o pensamento científico, filosófico e religioso da época, com repercussões que se estendem até os nossos dias.

Mesmer (1734-1815), Hahnemann (1755-1843) e Allan Kardec, pseudônimo de Hippolyte Léon Denizard Rivail (1804-1869) marcaram a história, e suas obras apresentam notáveis pontos em comum. Em uma época em que as práticas médicas

terapêuticas eram extremamente perniciosas e ineficazes (Inglis, 1968), Mesmer propôs a ideia da existência do magnetismo animal, fundamentada na crença de que existe um fluido universalmente difundido, que poderia ser transmitido entre os seres humanos, principalmente com finalidades terapêuticas (Mesmer, 2005).

Inspirado em trabalhos anteriores de cientistas como Isaac Newton e Paracelso, que também exploraram a ideia de forças invisíveis na natureza, Mesmer começou a aplicar suas ideias de maneira prática. Em 1774, testou sua teoria em uma paciente chamada Franziska Oesterlin, que sofria de convulsões, conseguindo aliviar significativamente seus sintomas. Esse fato chamou a atenção da comunidade médica e do público em geral, angariando inúmeros seguidores e pacientes por toda a Europa.

Mesmer desenvolveu diversas técnicas, incluindo gestos com as mãos para canalizar e transmitir esse fluido magnético, auxiliando na harmonização e cura dos enfermos (SBH, 2024). Sua popularidade se expandiu, entretanto, suas práticas foram ridicularizadas e condenadas pela comunidade científica da época, uma vez que não era possível comprovar a existência de uma força invisível manipulável para fins terapêuticos. Aliada a essa dificuldade, a proposta de Mesmer representava um movimento contrário às aspirações de importantes instituições da sociedade francesa, como a Igreja, o Estado e as academias de ciência, que viam em suas ideias uma ameaça à ordem social vigente (Neubern, 2007).

Mesmer atravessou os séculos como uma figura controversa, mas hoje é considerado o precursor da psicanálise, da psicoterapia e da psicodinâmica (Belhoste, 2018), além da hipnose clínica (SBH, 2024), pois acreditava que emoções e estados mentais podiam influenciar a saúde física – ideia amplamente aceita e pesquisada nos dias atuais.

Filho de Christian Gottfried Hahnemann, um talentoso pintor de porcelanas na cidade de Meissen, na Alemanha, Christian Frederick Samuel Hahnemann graduou-se médico, em 1779, na cidade de Erlangen, superando inúmeros obstáculos e dificuldades financeiras. Algum tempo depois, Hahnemann abdicou do exercício da profissão por não concordar com os métodos terapêuticos empregados na época, retornando à prática médica apenas em 1790, ao traduzir o tratado *Matéria médica*, do inglês William Cullen. Nesse tratado, relatava-se as propriedades curativas da *Chinchona officinalis* (quinina) contra a malária. Intrigado, Hahnemann testou a substância em si mesmo, desenvolvendo sintomas semelhantes aos da doença.

Apoiado em suas evidências experimentais e no pensamento hipocrático – *similia similibus curentur* (Vannier, 1994) –, Hahnemann concebeu uma nova forma de tratamento, desenvolvendo a teoria vitalista vigente em sua época como suporte filosófico ao seu método experimental de tratar enfermidades. A teoria vitalista considera “a existência, nos seres vivos, de uma força ou princípio vital responsável pela manutenção

da saúde e da vida, unido de forma indissociável ao corpo físico, e que sofre a influência das instâncias individuais superiores (mente, alma ou Espírito)” (Teixeira, 2017).

Hahnemann (2022) relata, no parágrafo 11 do *Organon da arte de curar*, que, quando o homem adoece, é a força vital presente em todo o seu organismo (princípio vital) que sofre, inicialmente, a influência de um agente agressor, gerando sensações desagradáveis e impulsionando o organismo a atividades irregulares, que chamamos de doença.

Para Hahnemann (2022, p. 175), o magnetismo animal era equivalente à força vital, cuja “vontade forte de uma pessoa bem-intencionada sobre uma doente, por contato, e mesmo sem este, e até a uma certa distância, pode trazer energia vital do mesmerizador sadio, dotado deste poder, para outra pessoa [...]”. Assim, o magnetismo animal era compreendido como uma força curativa que atuava sobre a força vital do enfermo, substituindo-a, dispersando-a ou distribuindo-a equilibradamente, modificando sua condição mórbida.

Por sua vez, Allan Kardec, pseudônimo de Hippolyte Léon Denizard Rivail, nasceu em 3 de outubro de 1804, em Lyon, na França. Estudou na Suíça com o renomado pedagogo e reformador educacional Johann Heinrich Pestalozzi, entre 1815 e 1822, tornando-se um respeitado educador.

Em 1854, quando Rivail foi apresentado aos fenômenos das mesas girantes, ele já acumulava 35 anos de estudo sobre o magnetismo animal (Kardec, 2019a). Em 1855,

convencido por um amigo, participou de uma sessão mediúnica em que observou o fenômeno da mesa girante e a escrita mediúnica por meio de uma cesta. A partir dessa experiência, decidiu iniciar uma investigação sistemática desses fenômenos, que culminaria, em 1857, na publicação de *O livro dos Espíritos*, sob o pseudônimo de Allan Kardec (Moreira-Almeida, 2008).

Desde que Mesmer redescobriu o magnetismo, no século XVIII – já mencionado anteriormente por Von Helmont e Avicena –, esse recurso passou a ser utilizado em doentes com a intenção de curar ou aliviar sofrimentos. Dessa prática, descobriu-se naturalmente o sonambulismo magnético, observado quando alguns pacientes, sob influência dos fluidos magnéticos, entravam em estado de emancipação da alma. Outros fenômenos foram também observados em consequência desse estado: visão a distância, leitura do pensamento de pessoas próximas ao sonâmbulo, insensibilidade ao toque e ao corte, entre outros. A partir da observação desses fatos, comprovou-se a independência do Espírito em relação ao corpo físico em que está encarnado.

Não por acaso, Kardec afirmou que “o magnetismo preparou o caminho do Espiritismo [...]” (Kardec, 2019b, p. 149) e que magnetismo e Espiritismo são “[...] duas partes de um mesmo todo, dois ramos de uma mesma ciência, que se completam e se explicam um pelo outro” (Kardec, 2019c, p. 459).

Kardec era um educador, positivista e, portanto, via no conhecimento científico

a única forma de conhecimento verdadeiro. Empregando a metodologia científica – levantamento de hipóteses, relação com teorias, experimentação –, procurou legitimar as comunicações com os Espíritos e desenvolver sua teoria, valendo-se de conceitos já introduzidos pelo mesmerismo e pela homeopatia, produzindo a tese segundo a qual o ser humano possui um corpo sutil, denominado perispírito (Marques, 2022), formado a partir da condensação do fluido cósmico universal em torno de um foco de inteligência ou alma (Kardec, 1979).

O fluido cósmico universal é a substância primitiva na qual residem as forças

universais, de onde a natureza tira todas as coisas. Ele penetra os corpos como um imenso oceano, sendo nele que reside o princípio vital, responsável pelo nascimento da vida nos seres (Kardec, 1979). “O que entendemos como força ou princípio vital homeopático, o Espiritismo designa pelo mesmo termo, sendo um produto da matéria cósmica primitiva ou fluido cósmico, fonte primordial de todas as coisas e seres da natureza” (Teixeira, 2015).

A identificação entre as ideias de “força vital”, na homeopatia – mantenedora dos



seres vivos – e o conceito de “perispírito” foi essencial para estabelecer a associação entre a Doutrina Espírita de Kardec e a terapêutica proposta por Hahnemann (Weber, 2019). Kardec definiu o magnetismo animal como a “ação recíproca de dois seres vivos por meio de um agente especial chamado fluido magnético” (Kardec, 2021). Trata-se do fluido universal condensado no perispírito, que fornece ao corpo os elementos reparadores, tendo como agente propulsor o Espírito, encarnado ou desencarnado, que transfere ao corpo deteriorado uma parte da substância do seu envoltório fluídico.

Os efeitos da ação fluídica sobre os doentes são variados, conforme as circunstâncias e a qualidade do fluido (agente terapêutico) que é doado (Kardec, 1979). A prática do magnetismo (mesmerismo), incentivada por Hahnemann nos parágrafos 288 e 289 do *Organon da arte de curar*, foi amplamente difundida e utilizada, anos

mais tarde, nas casas espíritas, permanecendo até os dias atuais.

Respondendo ao nosso questionamento inicial, compreendemos que, embora não possamos viajar nas asas da luz para obter informações detalhadas sobre os personagens aqui mencionados, a admissão da existência do magnetismo os interconnecta. No entanto, é o desejo de aliviar o sofrimento e a dor, o amor ao próximo que traz em si a alegria de servir, a ponte invisível e luminosa que verdadeiramente une Mesmer, Hahnemann e Kardec – missionários cujas obras ficaram indelevelmente marcadas no tempo e no espaço, alicerçando o porvir da nova era, quando o bem sobrepujará o mal, a bondade e a fraternidade guiarão a humanidade, e a medicina, sacerdócio abençoado, será instrumento da verdadeira cura: a cura da alma.



BELHOSTE, Bruno. Franz Anton Mesmer: Magnetiser, moralist, and republican. *Annales Historiques de la Révolution Française*, n. 391, p. 27-56, 2018.

HAHNEMAMM, Samuel. **Exposição da doutrina homeopática ou Organon da arte de curar**. São Paulo: GEHSP “Benoit Mure”, 2022. Disponível em: <https://www.bentomure.com.br/copia-mat-med-pura-hahne-mann>. Acesso em: 10 mar. 2025.

INGLIS, Brian. **Historia de la medicina**. Barcelona: Ediciones Grijalbo, 1968.

KARDEC, Allan. **A gênese: os milagres e as predições segundo o Espiritismo**. São Paulo: LAKE, 1979.

KARDEC, Allan. **Instrução prática sobre as manifestações espíritas**. Traduzido por Evandro Noleto Bezerra. Brasília, DF: FEB, 2021.

KARDEC, Allan. Magnetismo e Espiritismo. In: KARDEC, Allan. **Revista Espírita – Jornal de Estudos Psicológicos**. Ano I, mar. 1858, n. 3. Tradução de Evandro Noleto Bezerra. 4. ed. Brasília, DF: FEB, 2019b. p. 148-150. Disponível em: <https://www.febnet.org.br/ba/file/Downlivros/revistaespirita/Revista1858.pdf>. Acesso em: 10 mar. 2025.

KARDEC, Allan. O zuavo Jacob. In: KARDEC, Allan. **Revista Espírita – Jornal de Estudos Psicológicos**. Ano X, nov. 1867, n. 11. Tradução de Evandro Noleto Bezerra. 4. ed. Brasília, DF: FEB, 2019c. p. 456-461. Disponível em: <https://www.febnet.org.br/wp-content/uploads/2012/06/WEB-Revista-Espirita-1867.pdf>. Acesso em: 10 mar. 2025.

KARDEC, Allan. Variedades. Os banquetes magnéticos. In: KARDEC, Allan. **Revista Espírita – Jornal de Estudos Psicológicos**. Ano I, jun. 1858, n. 6. Tradução de Evandro Noleto Bezerra. 4. ed. Brasília, DF: FEB, 2019a. p. 272-274. Disponível em: <https://www.febnet.org.br/ba/file/Downlivros/revistaespirita/Revista1858.pdf>. Acesso em: 10 mar. 2025.

MARQUES, Marcos Moreira. A ciência espírita: da França a sua chegada ao Rio de Janeiro imperial. **Interações**, v. 17, n. 2, 2022, p. 276-296. Doi: <https://doi.org/10.5752/P.1983-2478.2022v17n2p276-296>.

MESMER, Franz Anton. *Mémoire sur la découverte du magnétisme animal*. In: MESMER, Franz Anton. **Mémoire sur la découverte du magnétisme animal**. Paris: Harmattan, 2005. p. 2-85.

MOREIRA-ALMEIDA, Alexander. Allan Kardec and the development of a research program in psychic experiences. **Proceedings**, p. 136-151, 2008.

NEUBERN, Maurício da Silva. Sobre a condenação do magnetismo animal: revisitando a história da psicologia. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 23 n. 3, p. 347-356, 2007. Doi: <https://doi.org/10.1590/S0102-37722007000300015>.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE HIPNOSE (SBH). **Franz Mesmer: descubra a verdadeira história do magnetismo animal**. 2024. Disponível em: <https://www.hipnose.com.br/blog/hipnose/franz-mesmer/>. Acesso em: 6 maio 2025.

TEIXEIRA, Marcos Zulian. **A natureza imaterial do homem: estudo comparativo do vitalismo homeopático com as principais concepções médicas e filosóficas**. 2. ed. São Paulo: edição do autor, 2015. Doi: <https://doi.org/10.11606/9788567328010>.

TEIXEIRA, Marcos Zulian. Antropologia médica vitalista: uma ampliação ao entendimento do processo de adoecimento humano. **Revista de Medicina**, v. 96, n. 3, p. 145-158, 2017. Doi: <https://doi.org/10.11606/issn.1679-9836.v96i3p145-158>.

VANNIER, Leon. A ideia da Homeopatia na história. **Revista de Homeopatia**, v. 59, n. 1, p. 23-28, 1994.

WEBER, Beatriz Teixeira. Vínculos entre homeopatia e espiritismo no Rio Grande do Sul na passagem para o século XX. **História, Ciência, Saúde – Manguinhos**, v. 26, n. 4, p. 1.299-1.315, 2019. Doi: <https://doi.org/10.1590/S0104-59702019000400016>.



Paulo Batistuta Novaes

Médico ginecologista obstetra; mestre em Medicina; membro da AMEEES.

Estudo sobre a prática mediúnica durante a gravidez

A desobsessão é uma prática espírita bastante frequente, que vem beneficiando milhares de pessoas assediadas espiritualmente e que procuram os centros espíritas em busca de cura e equilíbrio pessoal. Desde a Codificação do Espiritismo por Allan Kardec, muitos grupos mediúnicos foram formados e especializaram-se nessa modalidade de atendimento espiritual. Esses grupos contam com médiuns de diversas modalidades, como de psicografia, psicofonia, desdobramento, vidência, cura, intuição, entre outras.

Como se observa na prática cotidiana das sociedades espíritas, a mediunidade manifesta-se mais frequentemente em mulheres. Léon Denis e Emmanuel

justificam essa predominância com base na maior sensibilidade que caracteriza o sexo feminino. Já o Espírito Manuel Philomeno de Miranda aprofunda a explicação, afirmando que a mediunidade se apresenta com maior frequência em mulheres devido à sensibilidade decorrente de suas características hormonais.

Sabemos que, durante a gravidez, ocorrem notáveis transformações espirituais, acompanhadas de um significativo aumento nos hormônios femininos, que se associam a uma sensibilidade ainda mais acentuada. Isso justifica, em parte, certos comportamentos psicológicos particulares de cada fase do período gestacional.



Algumas vezes, médiuns mulheres que atuam em reuniões mediúnicas de desobsessão se deparam com uma decisão delicada: uma vez grávidas, devem prosseguir no trabalho ou interrompê-lo? Essa questão relevante envolve diretamente as médiuns, seus esposos, os dirigentes de centros espíritas e de reuniões mediúnicas, bem como os demais participantes do grupo.

Considerando que Allan Kardec não abordou diretamente esse tema, como tomar a melhor decisão? A mediunidade durante a gestação ofereceria algum risco ao feto? Espíritos malévolos poderiam atacá-lo durante os trabalhos de desobsessão ou interferir em seu desenvolvimento psicológico e mental? Qual o papel

dos benfeitores espirituais nas reuniões de desobsessão nesse contexto? A gravidez teria alguma influência peculiar sobre os Espíritos comunicantes?

Tais questionamentos têm dividido opiniões, sustentadas por diferentes justificativas. Diante disso, entendemos que o exercício da mediunidade durante a gravidez ainda carece de uma atenção mais aprofundada por parte da comunidade espírita – razão pela qual nos debruçamos sobre esse tema, tanto do ponto de vista teórico quanto empírico. Os resultados desse estudo encontram-se no livro *Prática mediúnica na gravidez: estudo empírico*, publicado pela Editora AME-Brasil (2024).

Essa obra apresenta uma extensa revisão da literatura espírita, abrangendo toda a obra de Allan Kardec, bem como de autores clássicos subsidiários, como André Luiz, Emmanuel, Bezerra de Menezes, Manoel Philomeno de Miranda, Joana de Ângelis, entre outros. Também foram revisitados autores complementares, como Hermínio Miranda, Yvonne Pereira e Suely Caldas Schubert, além de pesquisadores da metapsíquica, como William Crookes, William James, Alexander Aksakof e Oliver Lodge, bem como estudiosos contemporâneos como Alexander Moreira-Almeida e Décio Iandoli Júnior.

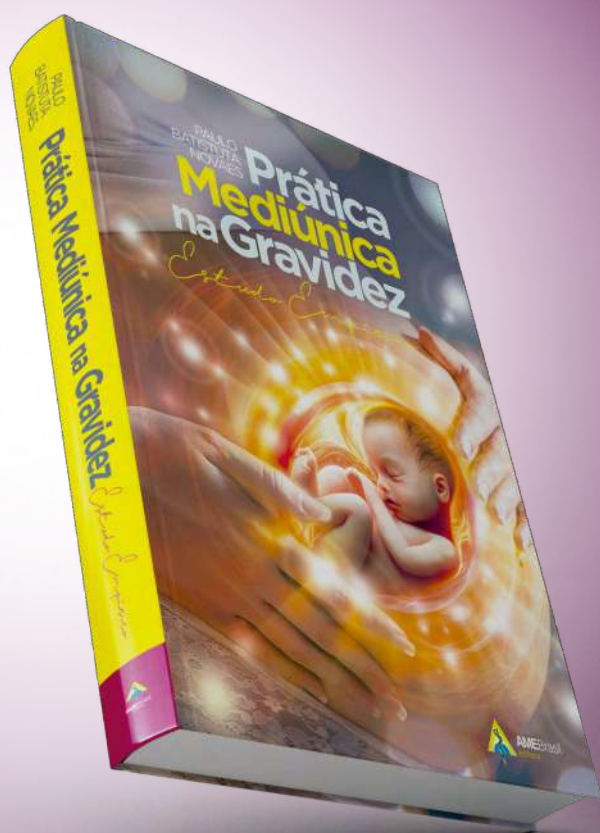
Ademais, a obra traz cinco estudos empíricos inéditos realizados pelo autor, alguns em cooperação com o Grupo de Estudos Esperança, da Comunidade Espírita Esperança (Vitória/ES). Essas pesquisas abordaram diferentes aspectos. Como médico obstetra e espírita dedicado à desobsessão, o autor compartilha sua experiência tanto profissional quanto mediúnica, relatando casos clínicos de gestantes sob seus cuidados médicos que, ao mesmo tempo, eram médiuns sob sua coordenação em reuniões mediúnicas, exercendo normalmente a mediunidade durante a gestação.

Sob outra perspectiva, o autor realizou uma análise quantitativa e qualitativa de algumas centenas de comunicações mediúnicas, evidenciando mudanças significativas nos tipos de manifestações ocorridas por intermédio das gestantes. Os dados indicam uma atuação cuidadosa e intensa dos benfeitores espirituais durante esse processo.

Em um terceiro estudo, foi apresentada a opinião das próprias protagonistas – as médiuns que engravidaram – por meio de um estudo comportamental com 88 participantes, que responderam a um questionário enviado por WhatsApp. A amostra foi dividida entre 42 médiuns gestantes que continuaram atuando mediunicamente e 46 que optaram por interromper sua atuação. Relataram suas motivações, condições de saúde, desconfortos e satisfações. Os resultados sugerem que a prática da mediunidade durante a gestação foi segura e profícua. Curiosamente, a interrupção das atividades mediúnicas esteve associada a uma maior ocorrência de transtornos de ansiedade e depressão.

Por fim, o autor apresenta o conteúdo de duas reuniões mediúnicas instrutivas, nas quais benfeitores espirituais generosos trouxeram ricas observações permeadas de conhecimento, amor e estímulo aos participantes do Grupo de Estudos Esperança. Nesses encontros, Espíritos amigos detalharam aspectos relevantes da prática mediúnica com Jesus durante a gestação, abordando questões de segurança materna e fetal, e explicando com profundidade aspectos fisiológicos e espirituais do processo mediúnico nesse contexto.

Prática mediúnica na gravidez: estudo empírico foi escrito em linguagem simples e acessível, apesar da complexidade dos temas abordados. Apresenta a opinião médica do autor aliada a uma profunda reflexão espírita, embasada em sólidos fundamentos doutrinários e em pesquisa com grupos mediúnicos experientes. As investigações foram conduzidas segundo o método recomendado por Allan Kardec para o estudo da mediunidade, o que confere à obra rigor e fidelidade doutrinária. Dessa forma, o livro enriquece o debate, preenche uma lacuna importante na literatura espírita e oferece contribuições valiosas para médiuns, dirigentes e estudiosos da prática mediúnica durante a gestação.



Referência

NOVAES, Paulo Batistuta. **Prática mediúnica na gravidez: estudo empírico**. São Paulo: AME-Brasil Editora, 2024.



www.amebrasil.org.br